

## O ABUSO SEXUAL E DESENVOLVIMENTO DO *SELF*: UM OLHAR CENTRADO NA PESSOA

Carolina Santin Cótica<sup>1</sup>

Gabriela Medina Xavier<sup>2</sup>

Hudson Eygo<sup>3</sup>

### Resumo

Considerando o prejuízo social, cognitivo e emocional que o abuso sexual imprime em indivíduos vítimas de violência sexual, o presente trabalho busca discutir como este evento traumático pode interferir na qualidade dos relacionamentos amorosos estabelecidos na fase adulta destes sujeitos, partindo de uma metodologia bibliográfica, de caráter documental. Inicialmente, conceituamos o Abuso Sexual e suas principais características para, em seguida, apresentar como ele pode interferir nos relacionamentos amorosos da pessoa que foi vítima de abuso sexual numa etapa anterior de seu desenvolvimento biopsicossocial, e que marca essa violência imprime no seu *Self*, este definindo a partir da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Em um terceiro momento, apresentamos um estudo de caso clínico, mostrando o desenvolvimento do *Self* em uma pessoa que foi abusada sexualmente na infância, a partir de uma intervenção psicoterapêutica. Nota-se que existem poucos de estudos específicos do desenvolvimento do *Self* em pessoas vitimadas por tal violência, e que considerem o uso da ACP com metodologia e intervenção eficaz para atendimento psicoterapêutico da demanda em questão. É de grande importância desenvolver mais estudos voltados para esse tipo de violência e suas consequências.

**Palavras-chave:** Abuso Sexual; Abordagem Centrada na Pessoa (ACP); *Self*.

### Abstract

Considering the social, cognitive and emotional damage that the sex abuse prints on victims of sexual violence, the following work pursuit to discuss how this traumatizing event can interfere in the romantic relationships quality stablished at the adult stage of life of these person, starting from a bibliography methodology, which is a source of documentary work. Initially, it is given a conception of Sex Abuse and its mainly characteristics, to following present how it can interfere at the romantic relationships of the person victim of sexual abuse in a previous step of its biopsychosocial development, and which marks this violence prints in its *Self*, which is defined from the Person Centred Approach (PCT). In a third step, we present a study of clinical case, showing the *Self* development in a sexually abused person during its childhood, starting from a psychotherapeutic intervention. It is noticed that there are a few number of specific studies of the *Self* at persons there were victimized for such violence, and that it has to be considered the use of PCT as an effective methodology and intervention to the psychotherapeutic treatment of the present demand. It is of great significance to develop more studies which concern to this kind of violence and its consequences.

**Keywords:** Sexual abuse; Person Centred Approach (PCT); *Self*.

1. Psicóloga, especialista em Gerontologia (2004) e mestre em Ciências da Saúde pela UNB. Atualmente é docente no curso de Psicologia do CEULP/ULBRA. E-mail: cscotica@uol.com.br

2. Acadêmica de Psicologia do CEULP/ULBRA. E-mail: gabi-psicologia@hotmail.com

3. Psicólogo, Coordenador do Serviço de Psicologia – SEPSI do CEULP/ULBRA, Coordenador da Área de Psicologia do Portal (En)Cena – A Saúde Mental em Movimento. E-mail: hudsoneygo@gmail.com

## Introdução

O estudo tem como objetivo discutir como o abuso sexual perpetrado na infância pode afetar a qualidade dos relacionamentos amorosos estabelecidos pelas vítimas desse tipo de violência sexual na idade adulta. Para ilustrar o estudo, trazemos elementos de um atendimento clínico realizado no Serviço de Psicologia – SEPSI do CEULP/ULBRA, por uma estagiária do curso de psicologia, no último ano da graduação, sob a supervisão da Prof<sup>a</sup>. MSc.<sup>a</sup> Carolina Santin Cótica. A vontade de conhecer mais sobre o assunto, a prática e a teoria foram essenciais para a escolha do tema.

O abuso sexual é um assunto delicado que pode trazer consequências futuras de difícil administração por parte de suas vítimas, como afirma Lowen (1997), Azevedo (2001), McGregor (2001), entre outros autores. É um ato que traz feridas profundas, principalmente quando não tratadas. No atendimento psicoterápico, em um primeiro instante tende-se a focar na queixa principal trazida pelo cliente. No decorrer das sessões (na etapa de formação do vínculo), o cliente vai contando suas histórias passadas, mas, nos casos em que a demanda envolve sofrimento por abuso sexual, nem sempre o cliente chegará contando o fato envolvido. Há ainda, aqueles que procuram uma ajuda psicológica justamente por terem sido vítima de abuso sexual.

No ano de 2009, em Curitiba/PN, foi realizado um estudo com o objetivo era trazer uma reflexão sobre como o abuso sexual contra crianças e adolescentes afeta os relacionamentos íntimos futuros. O estudo, realizado a partir do atendimento clínico de casais, concluiu que o abuso sexual da criança e do adolescente se trata de um trauma interpessoal agudo. Acarretando em consequências com marcas físicas e psicológicas nesses indivíduos, que se manifestação de forma negativas para as suas vítimas, interferindo significativamente no seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, comportamental e social, sobretudo, nos seus relacionamentos interpessoais futuros.

Com a vivência do abuso, o

indivíduo perde a espontaneidade e naturalidade de sua sexualidade e fica privado de sua inocência. Isso o leva à culpa. E a culpa destrói a alegria da vida. Com a vivência do abuso, o indivíduo não consegue entregar-se de forma plena ao amor (JACOB, 2009, p. 38).

É preciso problematizar ainda, que mesmo diante dos números alarmantes dos índices de violência sexual perpetradas em crianças e adolescentes no Brasil, acredita-se que a maioria dos casos continuam omissos, não sendo notificados pela falta de informação, coação ou constrangimento, dessas vítimas que não realizam a denúncia, resultando em subnotificações (notificações que não são feitas) pelo silêncio dessas vítimas.

Diante da problemáticas, e da escassez de estudo que tracem intervenções clínicas para acolhimento e psicoterapia das vítimas de abuso sexual, reforçamos a necessidade de estudos que abordem consequências, epidemiologia e possíveis tratamentos em várias partes do mundo. São poucos estudos sobre consequências nos relacionamentos interpessoais. Por isso, este foi baseado em artigos científicos e material metódico disponível.

## Conceito

O abuso sexual marca a vida inteira de suas vítimas e traz consequências sérias nos relacionamentos amorosos. Lowen refere-se ao abuso sexual como: “A forma mais hedionda da traição ao amor, posto que a sexualidade é normalmente uma expressão de amor” (1997, p. 147). Ainda que as vítimas não percebam tamanha gravidade de terem sido abusadas na infância e de como isso acarreta variáveis consequências na vida adulta, o abuso sexual infantil pode gerar consequências físicas, emocionais, sexuais e sociais para suas vítimas. Essas consequências podem se manifestar de múltiplas maneiras e podem ser devastadoras e definitivas, resultando no desenvolvimento de quadros psicopatológicos

agudos para essas vítimas (AMAZARRAY & KOLLER, 1998; ECHEBURÚA & CORRAL, 2006).

Define-se o abuso sexual como uma situação na qual a criança ou o adolescente é usado para a gratificação sexual de um adulto, ou mesmo de um adolescente mais velho, baseado em uma relação de poder que pode incluir desde carícias, manipulação da genitália, mama ou ânus até o ato sexual, com ou sem penetração, com ou sem violência (AZEVEDO, 2001).

A violência sexual ocorre em uma variedade de situações como estupro, sexo forçado no casamento, abuso sexual infantil, abuso incestuoso e assédio sexual (BRASIL, 2001). Azevedo e Guerra (1998) classificam o abuso sexual em três tipos: Os que envolvem contato físico (passar a mão, o contato oral e/ ou genital e o uso do ânus); os que não envolvem contato físico (a verbalização de palavras obscenas, o exibicionismo que é exibir o corpo ou parte dele para a criança; e o *voyeurismo*, a observação da nudez da criança) e os que envolvem violência (estupro).

O que se difere também no abuso sexual é a idade do agressor comparado o da vítima, o grau de vínculo ou parentesco do mesmo com a vítima (quanto mais próximos, maior será o impacto na vida da vítima), as carícias, a exibição dos órgãos do agressor, as ameaças feitas a vítima, a duração do abuso e a forma de como o ciclo familiar agem antes e depois do trauma, a forma como acolhem a vítima (MEICHEMBAUM, 1994, p 72).

Como violência intrafamiliar entende-se toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família (BRASIL, 2001). Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas

que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consanguinidade, e em relação de poder a outra.

A intervenção inadequada também pode fazer com que os efeitos do abuso piorem ao longo do tempo. McGregor (2001) afirma que quando não se faz nenhuma ou pouca intervenção logo após o abuso sexual, os efeitos podem se tornar duradouros. Para Habigzang e Caminha (2004) e Green (1995), com o passar do tempo, sem tratamento adequado, não há uma redução a intensidade dos sintomas resultantes do abuso sexual, do contrário, tende a cornificá-los.

## Consequências nos relacionamentos amorosos

As mulheres vítimas do abuso sexual, em geral, apresentam problemas em seus relacionamentos amorosos, como principal característica desse quadro, podemos apontar que essas pessoas carregam consigo uma imagem destrutiva de si mesmas, gerando depressões (ECHEBURÚA & CORRAL, 2006; TEICHER, 2001; VITRIOL, VASQUEZ, ITURRA, & MUÑOZ, 2007); ideações suicidas; entre diversos outros sintomas, que podem gerar patologias, além da sensação ambivalente de culpa, o medo e vergonha que essas vítimas sentem.

Enquanto essas mulheres continuarem obcecadas por sua busca por um homem que as ame e proteja, serão usadas e sofrerão abuso. Seus relacionamentos com os homens não podem dar certo. Os homens reagem a elas como objetos sexuais, não como pessoas sexuais, porque essas mulheres não se consideram como pessoas. Seu senso de identidade está seriamente comprometido pelo abuso sexual (LOWEN, 1997, p. 153).

As opressões, chantagens, ameaças entre outras atitudes por parte do agressor, mantém

suas vítimas presas em um mundo de isolamento que vai sendo construído pela própria vítima. Perrone e Nannini (1998), relatam que a vítima do abuso carrega a constante sensação de que, aconteça o que acontecer, sempre será vista como uma pessoa indigna, suja e depreciável pela situação que sofreu. A falta de capacidade de dizer “não” perdura por um longo período de tempo. Seu emocional também se torna fragilizado.

McGregor, (2001), considera que as crianças vítimas desse tipo de abuso, adquirem um *Self* distorcido de si. Se consideramos a infância como a etapa do desenvolvimento onde a culpa está presente, como consequência do abuso, podemos apontar a desvalorização como pessoa que inicia se vendo sozinhas num mundo algeoz em que as relações interpessoais e os papéis sociais se tornam confusos, e, sem perceber, estas pessoas veem seu desenvolvimento biopsicossocial comprometido de tal forma, que chega a afetar a qualidade de seus relacionamentos amorosos estabelecidos na idade adulta.

## O *Self*

Afinal o que é *Self*? “O *self* não é algo estático, imutável, cristalizado. Constitui-se num todo, onde existe uma contínua significação do que é vivido, sempre suscetível à mudança, podendo mudar radicalmente, tornar-se oposto ao que outrora se apresentava. O *self*, dessa forma, é um conjunto organizado e mutável de percepções que se referem ao indivíduo, tais como as características, atributos, qualidades e defeitos, capacidades e limites, valores e relações que ele reconhece como descritivos de si mesmo e que percebe como dados de sua identidade” (ROGERS & KINGET, 1975).

Essa construção e reconstrução característica do *Self*, baseia-se, costumeiramente, em experiências passadas, acontecimentos presentes

e expectativas para o futuro (FADIMAN & FRAGER, 1986). O ser humano nasce com predisposição de aprender sobre si mesmo (iniciando a formação do *Self*), a criança começa a desenvolver e a entender sobre o seu eu e o seu não eu, esse processo ocorre por toda vida.

O desenvolvimento acontece desde o nascimento, quando o bebê se percebe, junto de sua mãe (ou de quem exerça esse papel parental), como um indivíduo único; aos poucos ele vai tomando consciência de que existe uma diferenciação, começando, assim, a construir seu autoconceito (BEE, 1986). Ao longo do seu desenvolvimento, a criança vai tomando consciência que é um ser distinto dos demais, começa a observar seus gestos, suas atitudes (observando os outros), iniciando a construção dos seus próprios valores.

## O Abuso Sexual: desenvolvendo o *Self* – um olhar centrado na pessoa

Quando uma pessoa é abusada sexualmente na infância o autoconceito que a mesma tem de si é destrutivo, ou seja, desenvolve um *Self* destrutivo. Rogers (1975), defende que a estrutura do *Self* se desenvolve a partir da interação da criança com o ambiente, de maneira individual, como resultado da interação valorativa com os outros. Um dos primeiros aspectos, e mais importantes, da experiência da criança, é a de ser amada pelos pais (primeira formação de afeto da criança). Ela entende-se a si mesma como amável, digna de amor, e essa experiência é uma relação de afeição, que faz com que a criança tenha satisfação.

Na medida em que as experiências vão ocorrendo, estas vão sendo simbolizadas, organizadas e apreendidas, quando são percebidas como compatíveis com o autoconceito. Essas experiências também podem ser ignoradas, por não se relacionarem ao eu; ou recusadas à simbolização; ou, ainda, terem uma simbolização distorcida, tendo em

vista a incoerência da situação/experiência com a estrutura do eu (ROGERS, 1975). Desse modo, Rogers conceitua o ajustamento e desajustamento psicológico, onde o ajustamento psicológico é quando a criança assimila em seu autoconceito as suas experiências vivenciadas. Já o desajustamento psicológico ocorre quando a mesma não assimila ao seu autoconceito suas experiências vivenciadas.

No abuso sexual ocorre o desajustamento psicológico principalmente quando se chega a fase adulta (quando não tratadas na infância), por isso a vítima abusada se desenvolve com uma autoimagem desvalorizada. Não consegue reconhecer suas subjetividades positivas, esses desajustes psicológicos fazem com que a vítima não veja a solução de se reconstruir como pessoa. Segundo Rogers, o ser humano tem a capacidade, latente ou manifesta, da compreensão de si mesmo e da resolução de seus problemas de tal modo que alcance a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado (ROGERS & KINGET, 1975, p. 39).

Portanto, as mulheres que foram abusadas na infância e que seus relacionamentos amorosos não deram certo, muitas vezes é porque não se veem como atraentes, ou dignas de serem amadas, “vivem” carentes de ter alguém por perto e muitas vezes os homens se aproximam para aproveitar a oportunidade, mas não querem algo sério e produzem na mulher um sentimento de rejeição. Para se ter um relacionamento saudável é preciso tratar feridas que não foram cicatrizadas.

## Percurso metodológico

Define-se por uma pesquisa com finalidade metodológica pura ou básica, de natureza qualitativa, com objetivo metodológico exploratório e procedimento bibliográfico – documental que explorou diferentes definições encontradas na literatura metódica disponível, no estágio na clínica (Serviços de Psicologia –

SEPSI) do último ano da faculdade de psicologia, sobre o abuso sexual e suas consequências nos relacionamentos amorosos.

Foi definido a partir de um caso decorrente com a demanda anteriormente. Em que uma mulher de trinta e três (33) anos, procurou o SEPSI com a queixa de depressão. Nos atendimentos feitos pela estagiária responsável pelo caso, a cliente em seu primeiro atendimento chegou bastante abatida, triste e falou muito sobre suas decepções amorosas se sentindo frustrada, logo contou sobre o abuso sexual que ocorreu quando a mesma tinha doze (12) anos de idade. O agressor era seu padrasto, segundo a vítima o abuso era por aliciamentos, chantagens e ciúmes, ou seja, o abuso foi sem penetração, seu padrasto tinha muito ciúmes e não a deixava sair de casa chantageando-a.

As técnicas utilizadas na terapia foram o olhar no potencial humano, trabalhando a autoestima, a valorização da mesma como pessoa, encorajamento de acreditar-se em si mesma, ou seja, sendo facilitadora no processo de desenvolvimento, mostrando para a cliente possibilidades. Um olhar centrado na pessoa, foi trabalhado a autoimagem distorcida que tinha de si. Com o decorrer das sessões, houve evoluções em que a própria cliente tinha acerca dela, começando assim mudanças em seu autoconceito (*Self*) que até então era destrutivo. Foram realizados onze (11) atendimentos.

Os critérios éticos da pesquisa se justificam na preservação da identidade da cliente e pelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por ela, que respalda as exigências éticas e científicas contidas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12.

## Análise e reflexões

A cliente chegou na primeira sessão muito deprimida, choro fácil, e assim era nas diversas sessões no início. Após aplicação das técnicas citadas acima, a mesma começou a apresentar pequenas evoluções, demonstrava vontade de mudar, mesmo com recaídas, pois às vezes relatava episódios de tristeza profunda,

desanimo e culpabilização. Entretanto, essas recaídas foram diminuindo gradativamente e ela passou a apresentar mudanças em suas rotinas, procurando se cuidar, pensando mais nela mesma, em sua autoestima.

Eles podem não parecer intocáveis; de fato, podem parecer muito atraentes. Mas muitas pessoas **sentem-se intocáveis**; por dentro, estão famintas de aceitação e amor (VANSTONE e LUTZER, 1995, p. 67).

A grande frustração que a cliente passava era a carência afetiva e afirmações de menos valia de não ter alguém, afirmava por várias vezes só se envolvia com pessoas erradas e que não queria algo sério, principalmente também pela a idade, pois se achava velha. Seus relacionamentos não davam certo e isso gerava um complexo de inferioridade, de culpa, trazendo marcas do passado (o abuso) o que lhe causava sofrimento.

Foi trabalhado principalmente sua subjetividade, o redescobrimto de seu valor como pessoa, criando assim um conhecimento melhor acerca de si e seus limites. A mesma foi criando uma reafirmação de sua crença, ou seja, ela começou a acreditar mais em si, fortificando sua crença, sua identidade como pessoa.

Tanto para o homem quanto para a mulher o abuso sexual tem um efeito negativo em manter relacionamentos saudáveis na vida adulta. Por tanto, o abuso pode trazer consequências profundas e prolongadas na forma da vítima se relacionar futuramente com outras pessoas.

Pelo quadro de tristeza da cliente vinham pensamentos suicidas e que a mesma afirmava aumentar quando se encontrava em estado de grande tristeza, pelo quadro e suas recaídas a cliente foi encaminhada a procurar um tratamento psiquiátrico, para que houvesse uma ajuda medicamentosa no processo de psicoterapia e assim o fez. Atualmente a cliente encontra-se ainda em processo de psicoterapia individual e

terapia medicamentosa.

## Conclusão

Diante do estudo apresentado conclui-se que o abuso sexual na infância (quando não tratado) pode desencadear vários traumas, este estudo refere-se ao abuso sexual na infância e de como esse abuso quando não tratado atrapalha nos seus relacionamentos interpessoais e principalmente nos seus relacionamentos amorosos.

Esse trauma não afeta somente nos relacionamentos, mas também constrói um autoconceito destrutivo acerca de si. Afetando o seu desenvolvimento humano, seja em sua conduta social e/ou individual. O medo à culpa é constante companhia da vítima abusada e assim não consegue se entregar de forma plena ao amor, não consegue dizer não e não consegue enxergar seu valor, princípios, seus limites e até mesmo não consegue se ver como pessoa, trazendo em seu histórico de vida marcas de sofrimento.

É importante se atentar para as demais consequências em que o abuso sexual possa causar, seja na vida de uma criança ou enquanto adulta. Como citado no desenvolvimento do trabalho, o abuso causa um desajustamento psicológico na vítima independente da idade. Cada caso, cada pessoa é único, por isso nas sessões do processo terapêutico deve-se levar em conta à singularidade, a individualidade, tendo um olhar centrado na pessoa que está buscando ajuda do profissional e o profissional deve estar preparado para acolher o mesmo.

Por fim, este caso foi um marco em minha vivência acadêmica, mas não somente como futura profissional da psicologia, mas principalmente como enquanto pessoa. Lidar com a cruel realidade, com o sofrimento do outro e pensar de quantas pessoas estão aprisionadas a esse trauma e que por muitas vezes não pedem ajuda, vivendo em silêncio.

## Referências

- AMAZARRAY, M. R., & KOLLER, S. H. **Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 1998.
- AZEVEDO, E. C. (2001). **Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(4), 66-77
- AZEVEDO, M. A., & Guerra, V. N. A. **Pele de asno não é só história: um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família.** São Paulo: Roca, 1998.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento.** São Paulo: Harbra, 1986.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço / Secretaria de Políticas de Saúde.** - Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
- ECHEBURÚA, E., & CORRAL, P. **Secuelas emocionales en víctimas de abuso sexual en la infancia.** *Cuadernos de Medicina Forense*, 2006.
- FADIMAN, J. & FRAGER, R. **Carl Rogers e a perspectiva centrada no cliente.** In J. Fadiman & R. Frager. **Teorias da personalidade** (pp. 222-258). São Paulo: Harbra. 1986.
- GREEN, Arthur H. **Comparing child victims and adult survivors: clues to the pathogenesis of child sexual abuse.** *Journal of the American Academy of Psychoanalysis* v. 23, p. 655-670. 1995.
- HABIGZANG, Luísa Fernanda; CAMINHA, Renato M. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Conceituação e intervenção clínica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- LOWEN, Alexander. **Alegria: A entrega ao corpo e à vida.** São Paulo: Summus, 1997.
- MCGREGOR, Kim. **Guidelines for therapists: Working with adult survivors of child sexual abuse.** ACC, 2001. Disponível em: <<http://www.acc.co.nz/publications/index.htm?ssUserText=kim+mgregor>>. Acesso em: maio de 2015.
- MEICHENBAUM, D. **Victims of child sexual abuse: A clinical handbook/practical therapist manual of assessing and treating adults with post-traumatic stress disorder (PTSD).** Ontário: Institute Press, 1994.
- PERRONE, Reynaldo; NANNINI, Martine. **Violencia y abusos sexuales em la familia: Um abordaje sistêmico y comunicacional.** Buenos Aires: Paidós, 1998.
- RIBEIRO, J. P. (2007). **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica.** São Paulo: Summus
- ROGERS, C. & Kinget, M. **Psicoterapia e relações humanas.** Belo Horizonte: Interlivros, 1975.
- ROGERS, C. **Terapia centrada no cliente.** São Paulo: Martins Fontes. 1975.
- TEICHER, Martin. **Feridas que não cicatrizam: a neurobiologia do abuso infantil.** 2001. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/feridas\\_que\\_ao\\_cicatrizam\\_a\\_neurobiologia\\_do\\_abuso\\_infantil.html](http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/feridas_que_ao_cicatrizam_a_neurobiologia_do_abuso_infantil.html)>. Acesso em: Maio de 2015.
- VANSTONE, Doris; LUTZER, Erwin W. **Não tive onde chorar: a dor e a cura do abuso sexual.** Florida: Ed. Vida, 1995.
- VITRIOL, V. G., & VASQUEZ, M., Iturra, L. I., & Muñoz, C. R. **Diagnóstico y abordaje de secuelas por abuso sexual infantil en tres mujeres consultantes a un servicio de salud mental de hospital general.** *Revista Chilena de Neuro-Psiquiatria*, 2007.

Submetido em: 29-07-2015

Aceito em: 09-11-2015